

ANNIE VIVANTI – Ego; Virgo; Ad un giovane medico; Valzer; Tra poco; Sindaco di villaggio; Notte; Io sono stanca; Aprile; Morgana; *Possibilità*

Giorgio Buonsante

ACÁCIA

Número 02, dezembro de 2019

URL: www.revista-acacia.com.br/2019/02/annie-vivanti

www.revista-acacia.com.br



Como citar esta tradução

VIVANTI, Annie. Ego; Virgo; Ad un giovane medico; Valzer; Tra poco; Sindaco di villaggio; Notte; Io sono stanca; Aprile; Morgana; Possibilità. Tradução, prefácio e notas: Giorgio Buonsante. **Acácia - revista de tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 8-41, 2019. ISSN 2595-3915. Disponível em: <<http://www.revista-acacia.com.br/2019/02/annie-vivanti>>.



Sobre a autora

Filha de Anna Lindau, escritora alemã, e Anselmo Vivanti, garibaldino, Annie Vivanti (1866 — 1942) foi escritora italiana de origens judias nascida em Londres. Cresceu entre Itália, Inglaterra, Suíça e Estados Unidos tendo experiências literárias em cada um desses países. O exórdio literário da escritora coincide com a publicação da coletânea poética *Lirica* em 1890, à qual seguem publicações em prosa como o romance autobiográfico *Marion artista di café concerto* e *La rosa azurra*, peça teatral. Para fugir das leis raciais, foi morar nos Estados Unidos onde se dedicou quase unicamente à escrita de contos em língua inglesa.

Sobre o texto

A obra examinada, *Lirica* (1890), é a primeira coletânea poética da autora, constituída por cinquenta e cinco poemas. Os prototextos considerados intitulam-se *Ego*; *Virgo*; *Ad un giovane medico*; *Valzer*; *Tra poco*; *Sindaco di villaggio*; *Notte*; *Io sono stanca*; *Aprile*; *Morgana*; *Possibilità*. Nos poemas selecionados transparecem a imediação da representação, a ardidez dos conteúdos e originalidade do estilo.

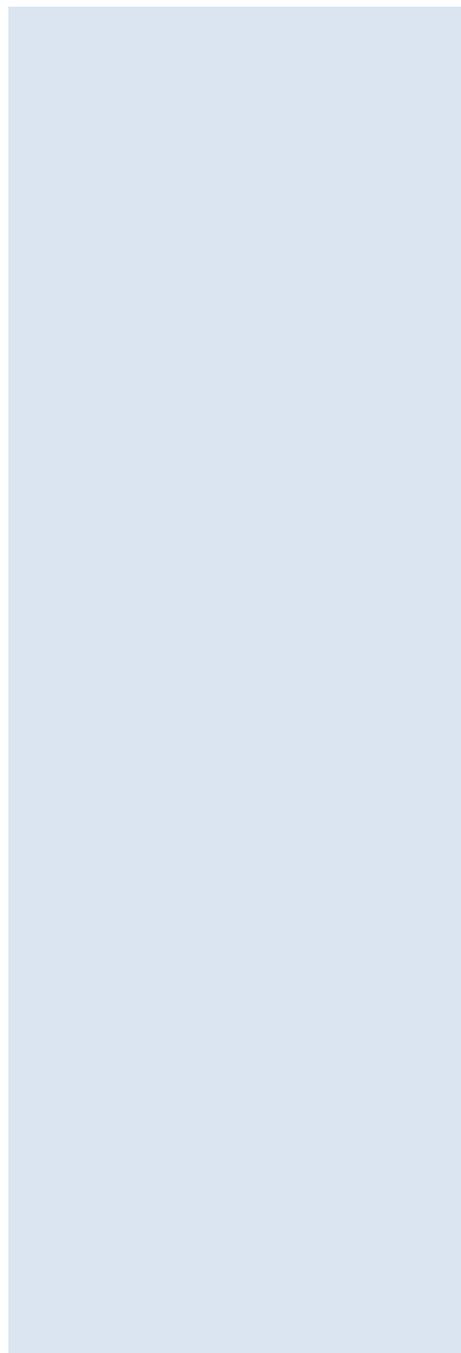
Sobre o tradutor

Giorgio Buonsante é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestrando em Línguas e Literaturas europeias, americanas e pós-coloniais pela Università “Ca’ Foscari” di Venezia. Graduado em Comunicação Linguística e Intercultural pela Università degli Studi “Aldo Moro” di Bari (2016). Área de interesse e atuação: Estudos da Tradução, com ênfase em Tradução Comentada de obras literárias de autoria marginalizada e nos Estudos Feministas e Queer da Tradução.

Ego.

O Mondo, vecchia guardia doganale,
Farai l'obbligo tuo da buon cristiano:
Giusta e severa sia la tua condanna,
Chè non ti voglio dar la buona mano!
Sono in contravvenzione, o Mondo astuto.
Volea truffarti con la merce mia:
Non è tabacco, sigari o liquori,
Nulla di spiritoso: è poesia!
Il Mondo ha spalancato i suoi mille occhi,
E "Chi sei tu?," mi grida: e "cosa fai?
Dimmi la fede tua, l'età, la patria,
Che cerchi, donde vieni e dove vai,,
Del mio paese chiedi? Io ti rispondo:
Non ho paese: è mia tutta la terra!
La patria mia qual'è? Mamma è tedesca,
Babbo italiano, io nacqui in Inghilterra.
E quale la mia fede? Io vado a messa;
La musica mi edifica e ricrea;
Ma sono battezzata protestante,
Di nome e di profilo sono ebrea.
Chiedi dell'età mia? quasi ho vent'anni.
E quale la mia meta? Ancor l'ignoro.
Che cerco? Nulla. Attendo il mio destino,
E rido e canto e piango e m'innamoro.
E cielo e terra, paradiso e inferno
Sfioro coll'ali della fantasia!
Non chieder altro. — Impetuosa e strana
Per nuove vie fugge la vita mia.
Fugge nel buio e crede nella luce.
L'anima fiduciosa e calma e forte

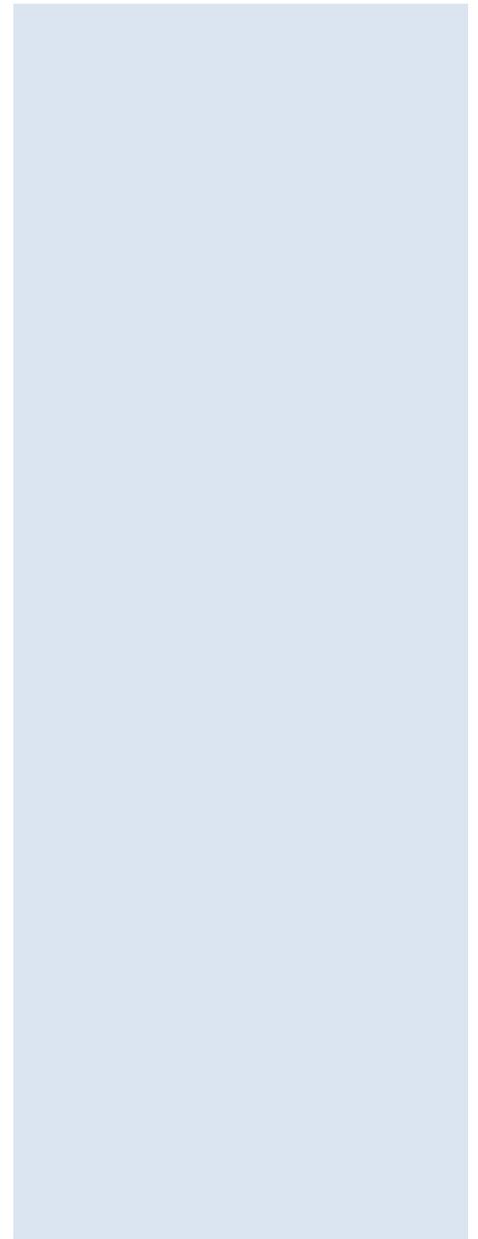
Ispirata mi guida. A che? — Si vive.
Quel gran problema scioglierà la morte.



Ego.

Ô Mundo, velha guarda aduaneira,
Cumprirás tua obrigação de bom cristão:
Justa e severa seja a tua condena,
Porque não quero te dar minha boa mão!
Estou em contravenção, ô Mundo Astuto.
Queria te burlar com minha mercadoria:
Não é tabaco, licor ou charuto.
Nada de espirituoso: é poesia!
O Mundo arregalou seus mil Olhos,
E “Quem és tu?” grita comigo: e “o que fazes?”
Diz-me a tua fé, a tua idade, a tua pátria,
O que buscas, donde vens e aonde vais!“
Do meu país perguntas? Eu respondo:
Não tenho país: é minha toda a terra!
Minha pátria qual é? A mãe é alemã,
O pai é italiano, eu nasci na Inglaterra.
E qual minha fé? Eu vou à missa;
A música edifica e recria-me;
Mas sou batizada protestante,
Por nome e perfil sou judia.
Perguntas da minha idade? Quase vinte anos.
Qual meu fim? Ainda o ignoro
O que busco? Nada. Espero meu destino.
E rio e canto e choro e apaixono-me.
E céu e terra, paraíso e inferno
Roço com as asas da fantasia!
Não perguntes mais nada. – Impetuosa e estranha
Por novos rumos foge minha vida.
Foge nas trevas e crê na luz.
A alma confiante e calma e forte
Inspirada me guia. Para o quê? – Vive-se.

Aquele grande problema desatará a morte.



Virgo.

Crebbe fra le bestemmie e le percosse
Quella gracile bimba spaventata!
Morì a vent'anni, mite ed innocente,
Quella piccola martire affamata.
Or van per le stellate vie del cielo
I poveri piedini ignudi e stanchi,
E la tremula man coglie beata
— Gigli d'argento! — i fulgidi astri bianchi.
E gli angeli, stupiti e riverenti,
Chinan gli alteri luminosi rai,
Mirando in quel pallido viso stanco
La bocca che non fu baciata mai!

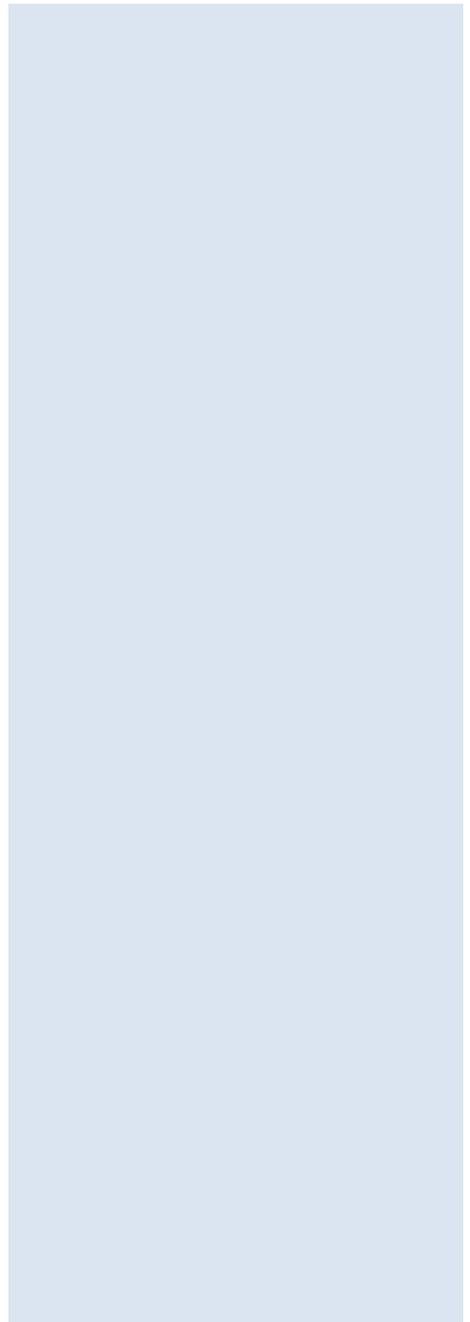
Virgo.

Cresceu entre blasfêmias e pancadas
Aquelele grÁCil moça amedrontada!
Morreu com vinte anos, meiga e inocente,
Aquelele pequena mártir esfomeada.
Ora andam pelos caminhos estrelados do céu
Os pobres pezinhos despídos e cansados,
E a mão trémula colhe beata
– Lírios prateados! – os fulgidos astros
brancos.
E os anjos, estupefatos e reverentes,
Com os altivos raios inclinados,
Vendo naquele pálido rosto cansado
Os lábios que nunca foram beijados!

Ad un giovane medico.

Sei bello, è vero! Stranamente bello,
Come un giovane dio superbo e forte!
Hai la fronte ispirata e gli occhi ardenti;
Fra l'altre tue virtù mi fai la corte.
Ma va, ti leva. Chino a' miei ginocchi
Non ti voglio veder: tu sei soldato!
O campion della vita, ti rileva,
E afferra il tuo stendardo insanguinato.
Combatti, va! T'attende con le squadre
Tetre e feroci l'inimica Morte.
Combatti, va! Ti slancia nella mischia,
Come un giovane dio superbo e forte!
Ti stendono le braccia ischeletrite
L'infamia, la miseria, il morbo e l'onta;
Ti chiaman gli urli e i rantoli selvaggi
Del corpo che alla corruzione s'appronta.
Dovrai lottar contr'odio ed ingiustizia,
Contro l'insulto e la vigliaccheria:
T'accoglieranno imprecazioni ed ire
E testarda ignoranza e villania.
Ma va, ti dico, va! Dona a chi muore
La vita, il sangue tuo, la tua bellezza;
Ai vecchi, ai deboli, agli agonizzanti
Consacra la gagliarda giovinezza.
Lavora e soffri. Soffri e lotta e vinci.
L'immenso amor della virtù ti sproni
A far della tua vita un gran poema,
Un'epopea di gloriose azioni!
Compi la tua missione, e poi ritorna.
Io sorridendo t'aprirò le braccia.
Torna co' segni del vaiuolo nero

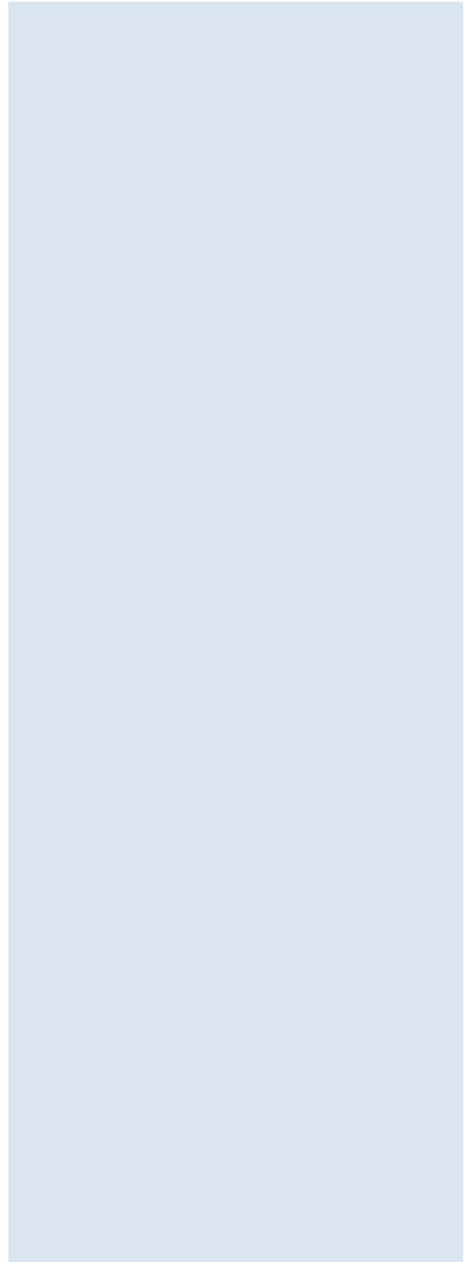
E la superbia del coraggio in faccia!
Allora i baci miei saluteranno
Te sull'onesta fronte sfigurata,
E lietamente affiderò la destra
Alla tua mano ruvida e abbronzata.
Verrò a posare il mio visetto acceso
Contro le guance tue, infossate e smorte.
E sarai bello sempre, sarai bello
Come un giovane dio, superbo e forte!



A um jovem médico.

És lindo, é verdade! Estranhamente lindo,
Como um jovem deus soberbo e forte!
Tens a testa inspirada e os olhos ardentes;
Entre tuas virtudes, estás a me cortejar.
Mas vai, vai embora. Debruçado aos meus joelhos
Não te quero ver: tu és soldado!
Ô campeão da vida, ergue-te,
E agarra teu estandarte ensanguentado.
Combata, vai! Espera-te com brigadas
Tetras e ferozes a inimiga Morte.
Combata, vai! Lança-te na peleja,
Como um jovem deus soberbo e forte!
Estendem-te os braços esqueléticos
A infâmia, a miséria, o morbo e a desonra;
Chamam-te os gritos e os estertores selvagens
Do corpo que da corrupção se aproxima.
Terás que lutar contra o ódio e a injustiça,
Os insultos e a cobardia:
Acolher-te-ão impropérios e iras
E teimosa ignorância e a vilania.
Mas, digo-te, vai embora! Doa a quem morre
A vida, o sangue teu, a tua beldade;
Aos idosos, aos fracos, aos agonizantes
Consagra a vigorosa juventude.
Trabalha e sofre. Sofre e luta e ganha.
O imenso amor da virtude te impila
A fazer da tua vida um grande poema,
Uma epopeia de gloriosas ações!
Cumpre a tua missão, e logo volta.
Eu sorrindo acolher-te-ei nos braços
Volta com as marcas da implacável varíola
E a soberbia da coragem no rosto!

Então os meus beijos cumprimentar-te-ão
Na honesta testa desfigurada,
E ledamente confiarei minha mão
À tua, áspera e bronzeada.
Irei pousar meu rosto rubro
Nas tuas bochechas, encovadas e mortijas
E serás belo sempre, serás belo
Como um jovem deus, soberbo e forte!



Valzer.

Fra le tue braccia
Che mi circondano,
Che m'incatenano,
Reggono, stringono,
M'afferra il vortice
Vertiginoso
Del valzer rapido.
Senza riposo
Leggere volano
Coppie danzanti,
La terra sfiorano
Pallide, ansanti...
Portami, involami,
Più presto ancora;
Stringimi, reggimi;
Danziamo ognora!

Fra le tue braccia
Trepida palpito,
Leggero fremito
Le membra scote.
Ora che importami
D'odio e d'amore
Il van delirio?
Sto sul tuo core!
Ne ascolto il battito
Rapido e forte...
E ognora passano
Leggere e smorte
Le coppie rapide
Danzanti ancora. —

Stringimi, involami,
Danziamo ognora!

Fra le tue braccia
Che mi circondano,
Che m'incatenano,
Reggono, portano,
Mentre si sfiorano
I volti intenti
E si confondono
Gli aliti ardenti,
Le mani stringonsi
Calde, infocate,
Le labbra tremano,
Le innamorate
Anime baciansi. —
Ohimè! Vacillo....
Cessa la musica:
Mi ringrazii, t'inchini e vai tranquillo.

Valsa.

Nos teus braços
Que me envolvem,
Que me acorrentam,
Regem, apertam,
Agarra-me o vórtice
Vertiginoso
Da valsa rápida.
Sem repouso
Leves voam
Casais dançantes,
A terra roçam
Pálidos, arquejantes...
Leva-me, rapta-me,
Subitamente;
Aperta-me, rege-me;
Dancemos constantemente!

Nos teus braços
Trêmula palpito,
Leve frêmito
Os membros sacode.
Agora o que me importa
De ódio e amor
O vão delírio?
Estou no teu coração!
Escuto o bater
Rápido e forte...
E sempre passam
Leves e mortiços
Os casais rápidos
Dançando continuamente. –

Aperta-me, rapta-me,
Dancemos constantemente.

Nos teus braços
Que me envolvem,
Que me acorrentam,
Regem, levam,
Enquanto se tocam
Os rostos ferventes
E confundem-se
Os hálitos ardentes
As mãos apertam-se
Quentes, inflamadas.
As bocas tremem,
Almas apaixonadas
Beijam-se. –
Ai de mim! Vacilo...
Cessa a música:
Agradeces-me, fazes uma vênia e vai tranquilo.

Tra poco.

Tra poco, quando cesserò d'amarti,
Ritroverò il mio riso impertinente,
Ritroverò le mie perfidie e l'arti
Di torturare e innamorar la gente.

Tra poco, quando cesserò d'amarti,
Serena, smemorata e senza addio,
Contenta di fuggire e di scordarti
Riprenderò il vagabondaggio mio.

Tra poco, quando cesserò d'amarti,
Scontrandoti per via smorto e severo,
Passerò accanto senza salutarti
Cogli occhi rilucenti e il cor leggero.

Amar stasera ed obliar domani,
Ecco il mio fato. Oh, tu cogli in quest'ora
Il fior de' baci miei, gl'incanti strani
Della mia fantasia che t'innamora.

No, non impallidir! baciarmi ancora.

Daqui a pouco.

Daqui a pouco, quando cessar de amar-te,
Reencontrarei o meu riso impertinente,
Reencontrarei minhas perfídias e artes
De torturar e fazer apaixonar as gentes.

Daqui a pouco, quando cessar de amar-te,
Serena, desmemoriada e sem adeus,
Contente por fugir e esquecer-te
Retomarei o nomadismo meu.

Daqui a pouco, quando cessar de amar-te,
Encontrando-te pelas ruas mortiço e severo,
Passarei por ti sem cumprimentar-te
Com olhos reluzentes e o coração sereno.

Amar esta noite e olvidar em breve,
Eis o meu fado. Ô, tu colhes nessa hora
A flor dos beijos meus, o encanto leve
Da minha fantasia que te enamora.

Não, não empalideça! Beija-me agora.

Sindaco di villaggio.

Presto verrà l'oblio. —

Io scorderò il color degli occhi tuoi,
Tu il suon della mia voce e il nome mio.

Quando vedrò mandorlo e pesco in fiore,
Un indistinto sovvenir di te
Si desterà, cantando, nel mio core.

E nell'anima tua la rimembranza
Incerta, trepidante sorgerà
Come fantasma nella lontananza,

Se risonare udrai la melodia
Tenera e dolce che cantai per te,
O l'araba fantastica follia

Che ieri a sera impallidir ti fè;
Si desterà, cantando, nel tuo core
Un indistinto sovvenir di me.

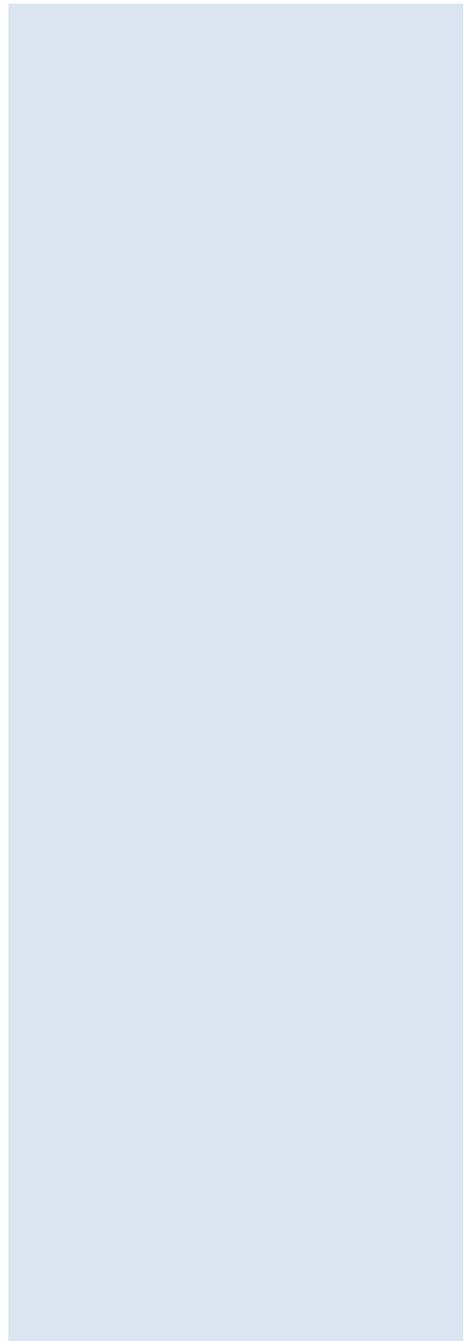
Segue ciascuno intanto i suoi destini:
Io torno a battaglia co' sogni miei,
Tu a viver fra le bestie e i contadini.

Io torno lieta al mio vagabondaggio
In cerca di fortuna e cielo bleu,
Co' zingari e gli uccelli di passaggio.

E tu badi all'ingrasso dei terreni,
Al buon mantenimento delle stalle,
A teste vuote e borsellini pieni.

E tu ritorni ad allevare bestiame,
A far l'amore con le contadine —

Ed io torno a sognar cose divine,
A scriver versi, ed a morir di fame



Prefeito do vilarejo.

Logo virá o oblvio. —
Eu esquecerei a cor dos olhos teus,
Tu o som da minha voz e o nome meu.

Ao ver amendoeiras e pessegueiros em flor,
Um indistinto reflexo teu
Acordará, cantando, no meu coração.

E na tua alma a lembrança
Insegura, trepidante surgirá
Como fantasma na distância,

Se ressoando ouvires a melodia,
Terna e doce que cantei para ti,
Ou a árabe fantástica folia

Que ontem à noite te empalideceu;
Acordará, cantando, no teu coração
Um indistinto reflexo meu.

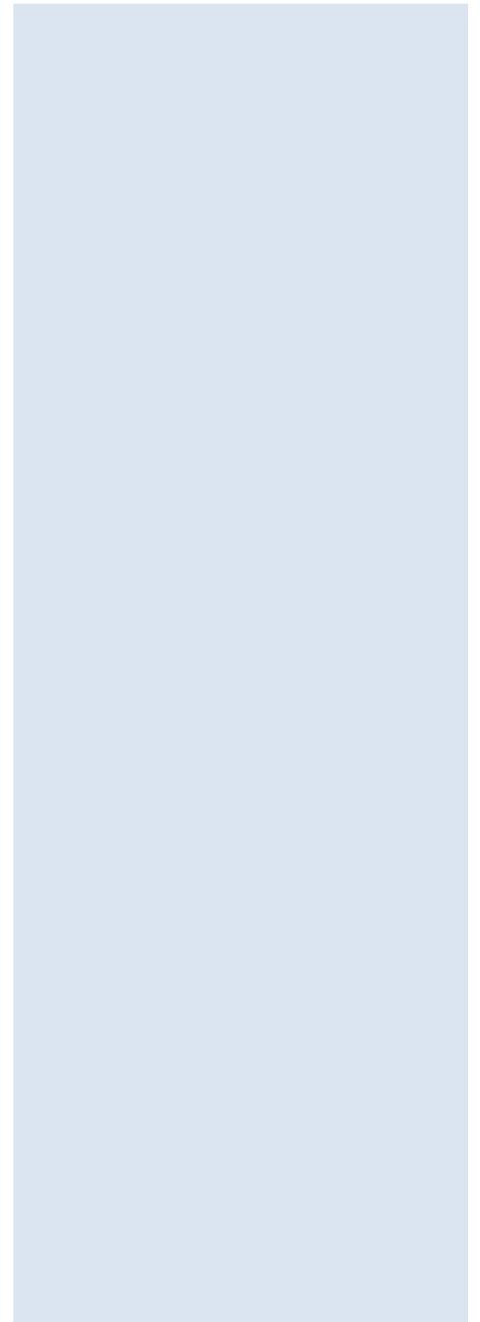
Segue cada um no entanto os seus destinos:
Eu volto a batalhar com os sonhos meus,
E tu a viver entre feras e campesinos.

Eu volto leda à minha nômade viagem
À procura de fortuna e céu azul,
Com ciganos e aves de passagem.

E tu só pensas na adubagem dos terrenos,
Na boa manutenção dos estábulos,
Em cabeças vazias e bolsos plenos.

E tu voltas a criar gado,
A fazer amor com as campesinas—
E eu volto a sonhar com coisas divinas,

A escrever versos, e a morrer de fome



Notte.

Sorride ella e dischiude
De' suoi occhi l'azzurra meraviglia,
Chè sulla bocca piccola e vermiglia
Il suo giovane amante l'ha baciata.

Raggian le stelle eterne
Su nel mite fulgor cupo de' cieli.
Ella ride; e con grandi occhi crudeli
La Morte, nell'oscurità, la guarda.

Noite.

Sorri ela e solta
De seus olhos a azul maravilha,
Que na boca pequena e vermelha
O seu jovem amante a beijou.

Raiam as estrelas eternas
Lá em cima no meigo fulgor sombrio dos céus.
Ela ri; e com grandes olhos cruéis
A Morte, na escuridão, olha-a.

Io sono stanca.

Io sono tanto stanca di lottare:
Dammi la pace tu, che solo il puoi!
Io sono tanto stanca di pensare:
Dammi il sereno de' grand'occhi tuoi!

Io sono tanto stanca di sognare:
Or tu mi desta a giorno glorioso!
Io sono tanto stanca di vagare:
Legami l'ale, e chiamami al riposo.

Eu estou cansada.

Eu estou tão cansada de lutar:
Dê-me a paz, com os poderes teus!
Estou tão cansada de pensar:
Dê-me o sereno dos grandes olhos teus!

Estou tão cansada de sonhar:
Desperta-me nesse dia glorioso
Estou tão cansada de errar:
Ata-me as asas, e chama-me ao repouso.

Aprile.

Lascia i tuoi vecchi libri e dammi un bacio,
Spalanca le finestre: ecco l'April!
Che odor di viole!
Che cinguettio di rondini!
Usciamo, usciamo al sole.
Ho la veste e i pensier color del cielo;
Vedi, anco gli occhi! — Usciamo. — Ecco l'April!

La bianca veste della terra ha sciolto
Impaziente e vincitore il sol:
Di sue luci focose
Egli la vede timida,
E la copre di rose.

Paion farfalle i fior, tremuli al vento.
Mette l'ale ogni cosa e scioglie il vol!

E non vi son rancori a cancellare?
Torti ed oltraggi a riparar non v'han?
Non abbiamo nemici?
Perdoni a dare o chiedere? —
Noi che siamo felici

Usciamo, usciamo a salutar la gente,
Gl'ingrati cui l'April sorride invan!

E a chi ci vuol del male andremo a offrire
Un gran mazzo di primole e la man.

Abril.

Deixa os teus velhos livros e dá-me um
beijo,
Escancara as janelas: eis Abril!
Que cheiro de violeta!
Que chilreio de andorinhas!
Saíamos, saíamos ao sol.
Tenho veste e pensamentos da cor do céu,
Repara, também os olhos! — Saíamos. —
Eis Abril!

A branca veste da terra derreteu
Impaciente e vencedor o sol:
De suas luzes fogosas
Ele vê-a tímida,
E cobre-a de rosas.
Parecem borboletas as flores, trêmulas ao vento.
Dá asas a cada coisa e desata o voo!

E não há rancores a apagar?
Afrontas e ultrajes a concertar não há?
Não temos inimigos?
Perdão a conceder ou a pedir? —
Nós que somos jubilosos
Saíamos, saíamos cumprimentar as pessoas,
Os ingratos aos que Abril sorri em vão!

E a quem deseja-nos mal iremos oferecer
Um grande ramo de prímulas e a mão.

Morgana.

Adolescente e gracile, la Gloria,
La terribile e bella, lo guardò.
E via per rupi e balze e precipizi
Lo trascinò!

Lo trascinò pallido ed esultante
Dietro il fruscio delle sue vesti d'or —
Gittandogli qual lampo il suo sorriso
Promettitor.

E traverso lo scherno e la miseria
Tra la fame e l'infamia egli passò. —
— Sentendo l'ali e misurando il cielo,
S'inabissò.

E la Morte e l'Oblìo l'han soffocato,
Mentr'egli ancora all'Immortalità
Gridava il nome suo! — Povero nome,
Che niuno sa.

Morgana.

Adolescente e grácil, a Glória,
A terrível e bela, olhou-o.
E por rochedos, penhas e precipícios
Arrastou-o!

Arrastou-o pálido e exultante
Atrás da roçadura das suas vestes d'ouro –
Lançando-lhe igual relâmpago o seu sorriso
Vindouro.

E através do escárnio e da miséria,
Entre a fome e a infâmia ele passou. –
– Sentindo as asas e medindo o céu,
Abismou-se.

E a Morte e o Oblívio sufocaram-no,
Enquanto ele ainda à Imortalidade
Gritava seu nome! – Pobre nome,
Que ninguém sabe.

Possibilità.

Non chiedere, amor mio, cose indiscrete.

Non chiedere al buon Dio vita che duri
Più de' brevi anni che concessi ne ha,
Non chieder luce ai fior, profumo agli astri,
Non alla vita la felicità!

Non chieder lauri all'arte; ed al poeta
Non chiedere denari in carità;
Non chieder perle al mare de' miei occhi,
Non chiedere al mio core fedeltà.

E poi che il Fato è caso, e il caso matto
Toglie a chi prega e a chi non chiede dà —
Forse la vita tua sarà felice,
E dopo morte avrai l'eternità.

Forse nel gran giardino oltre gli spazi
Dove Gesù tra bianchi angeli va,
Coglierai stelle profumate; e fiori
Che mandan luce nell'immensità.

Forse nel glauco mare de' miei occhi
Quel palombaro, Amore, desterà
La perla delle lagrime, dormente
Del guardo mio nella serenità.

E forse un dì, che s'ami una sol volta
E per sempre — il mio cor comprenderà!
Oggi non lo comprende; abbi pazienza.
Amami tu! Sarà quel che sarà!

Possibilidade.

Não peças, meu amor, coisas indiscretas.

Não peças ao bom Deus vida que dure
Mais que os breves anos que já concedeu,
Não peças luz às flores, cheiro
aos astros,
Nem à vida a felicidade!

Não peças louros à arte; e ao poeta
Não peças esmola em caridade;
Não peças perlas ao mar dos meus olhos,
Não peças ao meu coração fidelidade.

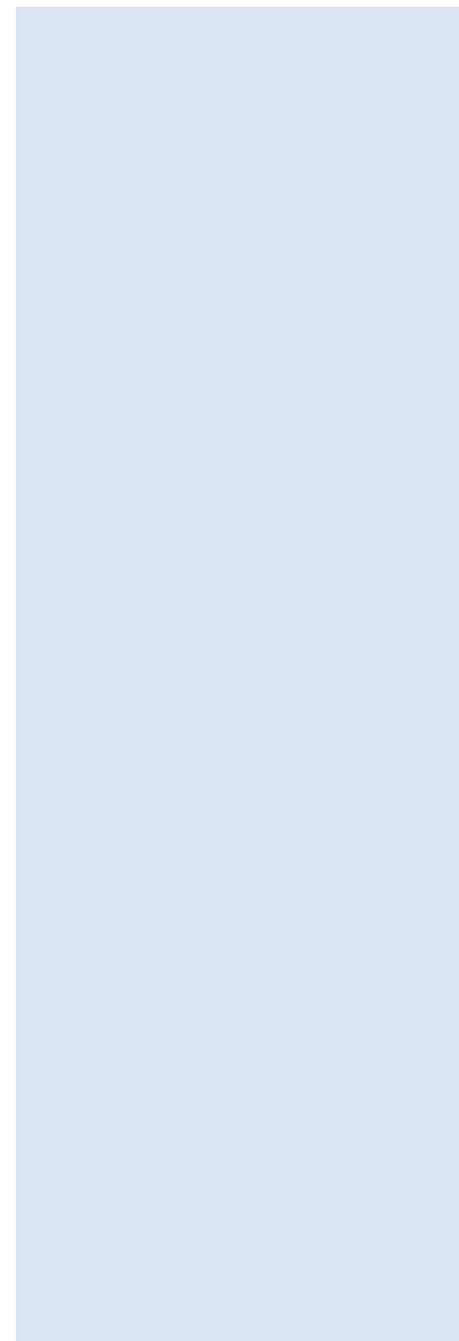
Pois o Fado é acaso, e o acaso doido
Tira a quem reza e a quem pede não dá—
Talvez a tua vida seja feliz,
E depois da morte terás a eternidade.

Talvez, no grande jardim além dos espaços
Onde Jesus entre prateados anjos vai,
Colhas estrelas perfumadas; e flores
Que emitem luz na imensidade.

Talvez no reluzente mar dos meus olhos
Aquele mergulhador, Amor, acordará
A perla das lágrimas, adormecida
Do olhar meu na serenidade.

E talvez algum dia, que se ame uma vez só
E para sempre — o meu coração entenderá!

Hoje não entende; tenha paciência.
Ama-me tu! Será o que tiver que ser!



REFERÊNCIAS

VIVANTI, Annie. Ego; Virgo; Ad un giovane medico; Valzer; Tra poco; Sindaco di villaggio; Notte; Io sono stanca; Aprile; Morgana; Possibilità In: VIVANTI, Annie. **Lirica**. Milano: Fratelli Treves, 1890. Disponível em:
<<https://www.gutenberg.org/files/58615/58615-h/58615-h.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2019.